

## LEMBRANÇAS MACABRAS

TESS GERRITSEN

# LEMBRANÇAS MACABRAS

Tradução de  
LÍDIA GEER



*Para Adam e Joshua  
por quem o Sol brilha*

«Cada múmia é um estudo exploratório, um continente  
por descobrir que se visita pela primeira vez.»

— DOUTOR JONATHAN ELIAS, Egiptólogo

## CAPÍTULO

---

# 1

Ele vem à minha procura.

Sinto-o nos ossos. Cheiro-o no ar, um cheiro tão reconhecível como o aroma de areia quente e especiarias apetitosas, como o odor a suor de cem homens a trabalharem ao sol. Estes são os cheiros característicos do deserto ocidental do Egito que continuam bem vívidos na minha memória, muito embora este país se encontre à distância de quase meio globo do quarto escuro onde estou deitada. Decorreram quinze anos desde que caminhei por esse deserto, mas quando cerro os olhos, num instante, sinto-me transportada para lá, uma vez mais, na extremidade do acampamento a olhar para a fronteira líbia, a admirar o pôr do Sol. O vento geme como uma mulher quando açoita o uadi. Ainda consigo ouvir o som ensurdecido das picaretas e o raspar das pás, visualizo o exército de cavadores egípcios, atarefados como formigas laboriosas espalhadas pela área da escavação arqueológica, carregando as suas cestas *gufa* cheias de terra. Nessa altura, no deserto quinze anos antes, tive a sensação de ser uma estrela de cinema num filme sobre a aventura de outra pessoa qualquer. Não na minha. Certamente que não era uma aventura que uma rapariga pacata de Índio, na Califórnia, esperava vir a viver.

As luzes dos faróis de um carro que passou cintilaram frouxamente através das minhas pálpebras cerradas. Quando abri os olhos, o Egito desvaneceu-se. Já não estou no deserto a olhar para um firmamento manchado pelas cores das equimoses do crepúsculo. Em lugar disso, encontro-me a meio mundo de distância, deitada no meu quarto às escuras em San Diego.

Levanto-me da cama e vou descalça até à janela para olhar para a rua. É uma urbanização antiga composta por casas de estuque, sem nada que as distingam umas das outras, construídas na década de 1950, antes de o «sonho americano» ter começado a traduzir-se por minimansões e garagens para três carros. Existe um certo ar de honradez na modéstia destas moradias, que, embora sólidas, não foram construídas para impressionar, mas sim para abrigar; este bairro proporciona-me a segurança do anonimato. Apenas outra mãe solteira que se esforça por criar uma adolescente recalcitrante.

Espreito para a rua através das cortinas e vejo um automóvel escuro que abranda à distância de meio quarteirão. Encosta ao lancil do passeio e desliga os faróis. Observo à espera de ver o condutor sair da viatura, mas não avisto ninguém. O condutor deixa-se ficar sentado ao volante durante muito tempo. Talvez esteja a ouvir o rádio ou, quem sabe, terá discutido com a mulher e está com receio de a confrontar. Talvez haja um casal de namorados naquele automóvel que não tem outro lugar para onde possam ir. Sou capaz de formular tantas explicações e nenhuma delas alarmante, não obstante, sinto a pele arrepiada com uma sensação extremamente agourenta.

Momentos depois, as luzes traseiras do automóvel foram ligadas e o veículo afasta-se pela rua afora.

Mesmo depois de ter desaparecido ao virar da esquina, continuo a sentir-me enervada e arrepanho as cortinas na mão transpirada. Volto para a cama e, a suar profusamente, deito-me em cima da coberta, mas não consigo conciliar o sono. Apesar de ser uma noite quente de julho, mantenho a janela do meu quarto fechada e insisto com a minha filha, Tari, para que mantenha as do seu quarto igualmente fechadas. Mas Tari nem sempre me dá ouvidos.

Cada dia presta menos atenção ao que lhe digo.

Fecho os olhos e, como sempre, as visões do Egito, uma vez mais, preenchem-me a mente. Os meus pensamentos retornam sempre ao Egito. Ainda antes de pisar solo egípcio, já sonhava com isso. Quando tinha seis anos, por mero acaso, vi uma fotografia do vale dos Reis na capa de uma *National Geographic*, sentindo imediatamente que reconhecia aquele lugar, como se estivesse a ver um rosto familiar e muito amado de que quase me tivesse esquecido. Era esse o significado que aquela terra tinha para mim, um rosto amado que ansiava ver de novo.

Com o decorrer dos anos, fui assentando as fundações para o meu regresso. Trabalhava e estudava. Uma bolsa de estudo integral levou-me à Stanford e à atenção de um professor que me recomendou entusiasticamente para um emprego de verão numa escavação arqueológica no deserto ocidental do Egito.

Em junho, no final do meu primeiro ano de faculdade, embarquei num voo com destino ao Cairo.

Até mesmo agora, na escuridão do meu quarto na Califórnia, recordo-me de como senti os olhos doridos devido à intensa radiância da luz solar que se refletia na areia que reverberava com um calor incandescente. Cheiro a fragrância do protetor solar na minha pele e sinto o meu rosto

açoitado pelos grãos de areia do deserto, levantados pelo vento. Estas recordações deixam-me feliz. Com uma colher de arqueólogo na mão e o sol a bater-me nos ombros, este cenário era o culminar dos sonhos de uma jovem.

Como os sonhos se transformam em pesadelos tão rapidamente. Eu tinha embarcado no avião rumo ao Cairo, uma estudante universitária tão feliz. Três meses mais tarde, foi uma mulher mudada que regressou a casa.

Não retornei do deserto sozinha. Era perseguida por um monstro.

Na escuridão, os meus olhos abriram-se repentinamente. Aquilo era o som de passos? O ranger de uma porta que se abria? Estava deitada entre lençóis húmidos, o coração a bater fortemente contra o peito. Tenho receio de sair da cama, mas receio não o fazer.

Passa-se qualquer coisa nesta casa que não está bem.

Ao cabo de vários anos escondida, estou bem ciente de que não devo ignorar os sussurros de advertência que soam na minha mente. Esses murmúrios urgentes são a única razão por que continuo viva. Aprendi a levar em linha de conta todas as anomalias, todos os tremores de inquietude. Reparo nas viaturas desconhecidas que passam pela minha rua. Fico imediatamente em estado de alerta se algum dos meus colegas de trabalho menciona alguém que me procurou. Faço elaborados planos de fuga muito antes de me serem necessários. O meu próximo movimento já está delineado. Dentro de duas horas, a minha filha e eu poderemos estar na fronteira do México munidas de novos documentos de identificação. Os nossos passaportes, emitidos em outros nomes, já se encontram guardados na minha mala de viagem.



Já devíamos ter partido. Não devíamos ter esperado durante tanto tempo.

Mas como é que se convence uma adolescente de catorze anos a mudar-se para longe das suas amigadas? Tari é o problema; ela não tem a mínima noção do perigo que ambas corremos.

Abro a gaveta da mesa de cabeceira de onde tiro a arma. Não está registada legalmente e sinto-me enervada por ter uma arma de fogo sob o mesmo teto que abriga a minha filha. Mas, depois de seis fins de semana passados na carreira de tiro, sei como usar esta pistola.

Os meus pés descalços deslocam-se em silêncio quando saio do quarto para o corredor, passando pela porta fechada do quarto da minha filha. Procedo à mesma inspeção que levei a cabo um milhar de vezes antes, sempre na escuridão. À semelhança de qualquer presa, sinto-me mais segura ao abrigo das trevas.

Chegada à cozinha, verifico as janelas e a porta. Faço o mesmo na sala de estar. Tudo está devidamente fechado. Volto ao corredor e detenho-me por momentos diante do quarto da minha filha. Tari tornou-se fanática em relação à sua privacidade, mas a porta dela não tem fechadura, o que jamais autorizarei. É imprescindível que possa inspecionar o quarto para me certificar de que ela está bem.

A porta range sonoramente quando a abro, mas este barulho não a acordará. Como acontece com a maior parte das adolescentes, o sono dela assemelha-se a um estado de coma. A primeira coisa em que reparo é na brisa, e solto um suspiro. Uma vez mais, Tari ignorou as minhas instruções e deixou a janela completamente aberta, tal como fez inúmeras vezes antes.

Dá-me a sensação de ser um sacrilégio, levar a arma para o quarto da minha filha, mas tenho de fechar aquela janela. Entro no quarto e detenho-me por breves momentos à beira da cama enquanto a observo a dormir, a ouvir o ritmo regular da sua respiração. Recordo-me da primeira vez em que a vi, um rosto pequenino muito avermelhado e a chorar nas mãos do obstetra. Tinha estado em trabalho de parto dezoito horas, pelo que me sentia tão exaurida que mal consegui soerguer a cabeça da almofada. Mas depois de um breve olhar à minha recém-nascida, eu teria sido capaz de me levantar da cama e lutado contra uma legião de atacantes para a proteger. Foi nesse momento que soube qual o nome que lhe daria. Pensei nas palavras entalhadas no grande templo em Abu Simbel, palavras escolhidas por Ramsés, *o Grande*, para proclamar o amor que dedicava à sua mulher.

#### NEFERTARI, POR QUEM O SOL BRILHA

A minha filha, Nefertari, é o único tesouro que eu trouxe comigo quando regresssei do Egito. Vivo com o terror de poder vir a perdê-la.

Tari é tão parecida comigo. É como se estivesse a verme a dormir. Quando ela tinha dez anos, já era capaz de ler hieróglifos. Com doze anos, conseguia dizer de memória todas as dinastias egípcias até aos Ptolomeu. Passa os fins de semana a percorrer o Museu do Homem. É um clone de mim em todos os aspetos e, com o passar dos anos, não se vê um único traço marcante do pai na sua fisionomia, tão-pouco no seu tom de voz nem, o que é da maior importância, na sua alma. Ela é a minha filha, só minha, sem ter sido maculada pelo demónio que a gerou.

No entanto, ela também é uma garota de catorze anos absolutamente normal, o que tem sido uma fonte de frustração durante as últimas semanas em que senti a escuridão a cerrar-se em volta de nós, enquanto estou deitada todas as noites sem conseguir adormecer, sempre à espera de ouvir os passos de um monstro. A minha filha vive alheada do perigo por eu lhe ter ocultado a verdade. Quero que cresça forte e destemida, uma mulher guerreira que não tema as sombras. Ela não compreende por que razão eu ando pela casa a horas tardias da noite, o motivo por que tranco as janelas e volto a verificar se as portas estão fechadas à chave. Ela pensa que a ansiedade faz parte do meu código genético, o que é verdade: preocupo-me pelas duas, o que faço para preservar a ilusão de que está tudo bem no mundo.

E Tari acredita nisso. Ela gosta de viver em San Diego e é com grande expectativa que se prepara para o seu primeiro ano na escola secundária. Conseguiu fazer amizades aqui e Deus ajude o progenitor que tentar interpor-se entre uma adolescente e os seus amigos. Ela é tão determinada quanto eu própria e, se não fosse a resistência que ela me opôs, há várias semanas que teríamos deixado a cidade.

Sopra uma brisa que entra pela janela, arrefecendo o suor que me cobre a pele.

Pouso a arma em cima da mesa de cabeceira e vou até à janela para a fechar. Deixo-me ficar por uns momentos a respirar o ar fresco. Lá fora, a noite instalou-se silenciosa, quebrada apenas pelo zumbido de um mosquito. Sinto uma picada na face. O significado da picada desse mosquito não se regista na minha mente até estender as mãos para fechar a janela de guilhotina. Sinto o sopro gélido do pânico que percorre a minha espinha dorsal.

A janela não tem a rede que impede a entrada de insetos. *Onde é que está a rede?*

Só então é que sinto a presença malévola. Enquanto me detive a olhar com ternura para a minha filha adormecida, *essa coisa* observava-me. Esteve sempre presente a observar-me, à espera da sua melhor oportunidade para passar à ação. Agora que nos encontrou.

Viro-me e deparo com o espírito do mal.

## CAPÍTULO

# 2

A doutora Maura Isles estava indecisa, sem saber se devia ficar ou fugir.

Deixou-se ficar envolta nas sombras do parque de estacionamento do Hospital Pilgrim, bastante fora do clarão das luzes de Klieg, para lá do círculo formado pelas câmaras de televisão. Não queria despertar a atenção de ninguém, e a maior parte dos repórteres daquela área reconheceria a mulher deveras atraente cujo rosto pálido e cabelo preto, cortado às três pancadas, lhe tinham granjeado a alcunha de rainha dos Mortos. Até ao momento, ainda ninguém havia dado pela chegada de Maura, pelo que não havia uma única câmara de filmar focada na sua direção. Em vez disso, os doze repórteres encontravam-se totalmente concentrados numa carrinha branca que acabara de chegar à entrada do átrio do hospital para descarregar o seu famoso passageiro. As portas da traseira da carrinha abriram-se de par em par, dando origem a uma revoada de clarões dos *flashes* das câmaras que iluminaram a noite enquanto o célebre paciente era erguido suavemente e retirado do veículo para ser colocado numa maca do hospital. Este paciente era uma celebridade dos meios de comunicação social cuja fama, recentemente adquirida, suplantava qualquer mera patologista. Esta noite, Maura limitava-se a ser parte dos presentes assombrados, atraída ali pela mesma razão que dera

origem àquela convergência de repórteres, quais admiradores frenéticos de uma banda *rock* que se manifestassem fora do hospital numa noite cálida de domingo.

Todos ansiavam por ver, ainda que de fugida, Madame X.

Maura tivera de fazer face a repórteres em muitas ocasiões, contudo, a sofreguidão rábida daquela multidão causava-lhe alarme. Sabia que, se alguma nova presa aparecesse no perímetro de visão daquela gente, a atenção deles poderia desviar-se num instante, e, naquela noite, ela já se sentia emocionalmente magoada e vulnerável. Pensou na hipótese de escapar àquele rebuliço, dando meia-volta e voltando para o carro. Mas o que a aguardava em casa era um silêncio total e, talvez, um número excessivo de copos de vinho que lhe fariam companhia numa noite em que Daniel Brophy se encontrava ausente. Ultimamente, o número dessas noites tinha vindo a aumentar exponencialmente, mas isso fazia parte do acordo que ela fizera ao apaixonar-se por ele. O coração faz as suas escolhas sem olhar às consequências. Não leva em consideração as noites solitárias que se seguirão de futuro.

A maca que carregava Madame X foi levada para dentro do hospital, e a matilha de repórteres foi no seu encalço. Através das portas de vidro do átrio, Maura, sozinha no parque de estacionamento, via as luzes fortes e os rostos empolgados.

Optou por seguir atrás dos demais, entrando no edifício.

A maca foi empurrada através do átrio, passando pelas visitas que se encontravam no hospital, pessoas que olhavam atónitas, pelo pessoal médico em alvoroço que aguardava de telemóvel em punho para fotografar o centro de

toda aquela atenção. O cortejo prosseguiu virando para um corredor e seguindo em direção à Imagiologia de Diagnóstico. Mas, chegados a uma entrada mais no interior do hospital, só a maca é que foi autorizada a transpô-la. Surgiu um funcionário do hospital, de fato e gravata, que impediu os repórteres de avançarem além daquele ponto.

— Lamento, mas não podem passar daqui — disse o homem. — Sei que todos querem observar isto, mas a sala é muito pequena. — Ergueu as mãos para silenciar os resmungos de frustração. — Chamo-me Phil Lord. Sou responsável pelas relações públicas do Hospital Pilgrim e devo dizer-vos que estamos entusiasmadíssimos por fazermos parte deste estudo, uma vez que uma paciente como a Madame X só aparece, digamos, de dois em dois mil anos. — Sorriu às risadas que esperava ouvir. — A tomografia axial computadorizada não levará muito tempo a concluir-se, portanto, se quiserem esperar, um dos arqueólogos virá falar convosco logo a seguir para vos informar dos resultados. — Virou-se para um homem pálido, com cerca de quarenta anos, que recuara até um canto como se esperando em que não reparassem nele.

— Doutor Robinson, antes de começarmos, importa-se de dizer algumas palavras?

Dirigir-se àquela multidão era, manifestamente, a última coisa que o homem de óculos desejava fazer, mas, animosamente, respirou fundo e avançou empurrando os óculos descaídos para cima da cana do nariz ligeiramente adunco. Este arqueólogo não tinha a mínima semelhança com Indiana Jones. Com a sua linha do couro cabeludo recuada e olhos semicerrados de expressão atenta, assemelhava-se mais a um contabilista apanhado nas luzes indesejáveis das câmaras de filmar.

— Sou o doutor Nicholas Robinson — apresentou-se.  
— Sou o curador do...

— Importa-se de falar mais alto, doutor? — pediu um dos repórteres.

— Oh, peço desculpa — retorquiu o doutor Robinson aclarando a voz. — Sou o curador do Museu Crispin aqui, em Boston. Estamos imensamente gratos ao Hospital Pilgrim por se ter oferecido, tão generosamente, para fazer esta tomografia axial computadorizada a Madame X. Poder vislumbrar o passado de perto é uma oportunidade extraordinária e, a julgar pelo grande número de presentes, o vosso entusiasmo é igual ao nosso. A minha colega, a doutora Josephine Pulcillo, uma egiptóloga, virá falar convosco assim que a tomografia estiver concluída. Ela pôr-vos-á a par dos resultados e responderá às perguntas que lhe dirigirem.

— Quando é que Madame X será exibida ao público?  
— perguntou um dos jornalistas.

— Dentro de uma semana, espero eu — replicou o doutor Robinson. — Já começámos a organizar a nova exposição e...

— Existem alguns indícios quanto à sua identidade?

— Por que motivo é que não foi exibida anteriormente?

— É possível que pertença à realeza?

— Não sei — respondeu Robinson pestanejando sucessivamente perante o assalto daquela bateria de perguntas. — Ainda precisamos de confirmar se pertence ao sexo feminino.

— Encontraram-na há seis meses e ainda não sabem a que sexo pertence?



— Esse tipo de exames leva o seu tempo.

— Um só olhar devia ser suficiente — adiantou um repórter para gáudio de todos os presentes.

— Não é assim tão simples como possa pensar — observou Robinson, os óculos a voltarem a escorregar-lhe pelo nariz. — Com dois mil anos de idade, ela é extremamente frágil, pelo que tem de ser manuseada com todo o cuidado. Quanto a mim, esta noite senti-me bastante enervado devido ao transporte dela para aqui na carrinha. A nossa prioridade no museu é a conservação. Considero-me o seu guardião e é meu dever protegê-la. Foi por essa razão que não nos apressámos na coordenação desta TAC com o hospital. Procedemos com morosidade e agimos com cautela.

— O que é que esperam apurar com a tomografia axial computadorizada desta noite, doutor Robinson?

O semblante do interpelado iluminou-se subitamente de entusiasmo.

— Apurar? Está-se mesmo a ver que tudo! A idade dela, o seu estado de saúde. O método de embalsamação. Se a sorte estiver do nosso lado, até poder ser que venhamos a descobrir a causa da morte.

— É por isso que a patologista se encontra presente?

Todo o grupo se virou, qual criatura de múltiplos olhos, assestando os olhares em Maura que se mantivera ao fundo da sala. Sentiu a ânsia habitual que a levava a querer agastar-se quando as câmaras de filmar se focaram na sua direção.

— Doutora Isles — chamou um dos repórteres —, está aqui para fazer um diagnóstico?

— Por que motivo é que os Serviços de Medicina Legal estão envolvidos? — perguntou um outro.

Esta última pergunta exigia uma resposta imediata, antes que o assunto fosse deturpado pela imprensa.

— Os Serviços de Medicina Legal não estão envolvidos — replicou Maura com firmeza. — Sem dúvida que não me estão a pagar para que esteja aqui esta noite.

— Mas a verdade é que está aqui — disse o belo pedaço de homem louro do Canal 5 com quem Maura nunca simpatizara.

— A convite do Museu Crispin. O doutor Robinson pensou que talvez fosse útil saber qual a perspectiva de um patologista com relação a este caso. Consequentemente, ligou-me a semana passada para me perguntar se estaria interessada em observar a tomografia. Acreditem em mim; nenhum patologista recusaria esta oportunidade. Sinto-me tão fascinada pela Madame X quanto vocês, e mal consigo esperar para a ver. — Maura olhou claramente para o curador. — Não está na hora de começar, doutor Robinson?

Ela acabara de lhe atirar uma boia de salvação que ele se apressou a agarrar.

— Sim. Sim, está na hora. Queira fazer o favor de me acompanhar, doutora Isles.

Ela atravessou a multidão e seguiu-o até ao Serviço de Imagiologia. Quando a porta se fechou depois de ambos terem entrado, afastando-os dos membros da imprensa, Robinson soltou um prolongado suspiro.

— Valha-me Deus, sou péssimo a falar em público — admitiu. — Obrigado por ter posto fim àquele martírio.

— Tenho tido alguma prática. Verdade seja dita, em excesso.

— É um prazer conhecê-la finalmente, doutora Isles — disse Robinson apertando-lhe a mão. — O senhor Crispin

também queria conhecê-la, mas foi operado a uma anca há alguns meses, pelo que ainda não está capaz de se manter de pé durante muito tempo. Pediu-me que lhe transmitisse os seus cumprimentos.

— Quando me convidou, não me avisou de que teria de passar por entre aquela multidão.

— Os membros da imprensa? — redarguiu Robinson com uma expressão sofredora. — São um mal necessário.

— Necessário a quem?

— À sobrevivência do nosso museu. Desde que o artigo sobre a Madame X foi publicado, a venda de ingressos aumentou exponencialmente. E ainda nem sequer a pusemos em exibição.

Robinson conduziu-a através de um dédalo de corredores. Naquela noite de domingo, o silêncio imperava nos Serviços de Imagiologia de Diagnóstico e as salas por onde passavam estavam desertas e às escuras.

— Vamos ficar um pouco apertados na sala — adiantou Robinson. — Mal existe espaço para um pequeno grupo.

— Quem mais é que estará presente?

— A minha colega Josephine Pulcillo; o radiologista, o doutor Brier, e o técnico das tomografias axiais computadorizadas, além de uma equipa de filmagem.

— Contratada pelo museu?

— Não. Pertencem ao Canal Discovery.

— Agora posso dizer que estou *realmente* impressionada — retorquiu ela, soltando uma gargalhada de espanto.

— Mas isso não significa que tenhamos de ter cuidado com a nossa linguagem — disse ele parando diante de uma

porta onde se via uma placa com as iniciais TAC, acrescentando em voz baixa: — Parece-me que já começaram a filmar.

Em silêncio, entraram na sala de onde poderiam observar a tomografia e onde a equipa de filmagem já se encontrava realmente, registando as explicações do doutor Brier sobre a tecnologia que estavam prestes a pôr em prática.

— TAC são as iniciais que designam uma «Tomografia Axial Computorizada». A nossa máquina radiografa a criatura de milhares de ângulos diferentes. Em seguida, o computador processa essas informações que servem para compor uma imagem tridimensional da anatomia interna. O que poderão ver neste monitor. Assemelhar-se-á a uma série de imagens em corte, como se estivéssemos a seccionar, de facto, o corpo em milhares de fatias.

À medida que a gravação prosseguia, Maura aproximou-se do vidro de onde poderia observar melhor. Chegada aí, viu Madame X pela primeira vez através do vidro.

No mundo muito restrito dos museus, as múmias egípcias eram, inquestionavelmente, as estrelas de *rock*. Era junto dos sarcófagos onde eram expostas que, em geral, se encontravam as crianças em idade escolar, caras encostadas ao vidro e todos, sem exceção, fascinados com aquele raro olhar à morte. Só muito raramente é que os olhos dos tempos modernos tinham oportunidade de ver um cadáver humano em exposição, a menos que apresentasse a composição aceitável de uma múmia. O público adorava múmias e Maura não era exceção. Olhava como que transfixada, muito embora o que estivesse a ver efetivamente não passasse de um feixe com um contorno humano estendido numa grade aberta, a carne oculta debaixo de panos de linho